

A MORTE E O MORRER NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ENFERMEIROS: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Edvaildo Ferreira da Silva Júnior (1); Eloíde André Oliveira (2); William Alves de Melo Júnior (3); Gabriela Maria Cavalcante Gosta (4)

1. *Universidade Estadual da Paraíba*. E-mail: edvaildojr@gmail.com. 2. Docente da *Universidade Estadual da Paraíba*. E-mail: eloideandre@icloud.com. 3. *Universidade Federal de Campina Grande*. E-mail: williamgeronto@gmail.com. 4. Docente da *Universidade Estadual da Paraíba*. E-mail: gabymcc@bol.com.br

RESUMO: INTRODUÇÃO: O ato de morrer é um rito pelo qual todo ser vivente um dia passará. Percebe-se que a morte não é um mero evento biológico e inevitável, mas sim um processo socialmente construído, com implicações diretas ao moribundo, à sua família e àqueles que o assistem. **OBJETIVO:** analisar como os estudantes da Enfermagem Brasileira lidam com a morte e o morrer durante o período da graduação. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Tratou-se de uma revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, cuja busca foi realizada no sítio da Biblioteca Virtual de Saúde, nas bases de dados LILACS, MEDLINE, BDNF, e Index Psicologia, segundo critérios de inclusão e exclusão previamente definidos. **RESULTADOS:** Foram obtidos 17 artigos, dos quais, após exaustiva leitura e análise segundo Bardin, obtiveram-se 03 categorias temáticas, sendo elas: “vivenciando a morte e o ato de morrer na prática assistencial”, “a morte e o morrer numa dimensão pessoal”, e “a morte e o morrer em sala de aula”. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O estudante de Enfermagem Brasileira está sendo formado despreparado para lidar com a morte e o morrer devido à carências acadêmicas, resultando em profissionais com dificuldades ao lidar com a morte e o morrer.

Descritores: Estudantes de enfermagem, Morte, Atitude frente à morte.

INTRODUÇÃO

A morte é um rito pelo qual todo ser vivente um dia passará. A morte não detona unicamente a um mero evento biológico inevitável, e sim a um processo socialmente construído, permeado de representações sociais, com implicações diretas ao moribundo, à família e àqueles que o assistem (ELIAS, 2001; KUBLER-ROSS, 2008).

No contexto ocidental, a morte tende a ser ignorada, escondida e tratada como tabu. O morrer é percebido pelo homem como

repleto de estigmas e preconceitos que o atemorizam, dentre os quais se destaca o medo de sofrer, que faz com que o processo de morrer seja mais temido que a própria morte (OLIVEIRA; SANTOS; MASTROPIETRO, 2010).

Na sociedade contemporânea, a figura da morte está centrada no ambiente hospitalar, em que uma equipe de saúde responsabiliza-se pela assistência, centrada no tecnicismo e do distanciamento do indivíduo, ao moribundo, isentando a família do ato de cuidar (ELIAS, 2001; MOTA et al, 2011). No

contexto hospitalar, a equipe de enfermagem mantém uma relação diferenciada com pacientes que vivenciam a terminalidade e seus familiares, haja vista que diferentemente do que se acredita, tais clientes possuem uma grande demanda de cuidados. Assim, a equipe de Enfermagem é aquela que está em maior contato direto e prolongado com o cliente, e, em geral, estabelece vínculo afetivo com o moribundo e sua família (SANTOS; HORMANEZ, 2013).

Mesmo sendo esses os profissionais que tenham contato mais direto com o processo de morrer e a morte, os profissionais de Enfermagem não possuem um conhecimento consistente sobre a temática. A literatura concorda que há um despreparo acadêmico sobre a morte e o morrer, o que corrobora para a manutenção dos sentimentos de culpa e de frustração, tão como o distanciamento entre a equipe de enfermagem e o paciente, causando uma falha na prestação do cuidado singular/ integral tão almejado pela Enfermagem (SOUSA et al., 2009).

A respeito do despreparo acadêmico, Santos e Hormanez (2013) afirmam que como consequência dessa dificuldade o profissional, ao se deparar com a morte e o morrer na prática assistencial, tende a experimentar decepção e impotência.

Dessa forma, investigar e entender os problemas referidos por discente de

Enfermagem ao lidar com a morte ajuda a melhor compreender a concepção do processo de morrer e da morte vivenciado pelos mesmos, servindo de base para o desenvolvimento de melhores estratégias de enfrentamento nos contextos assistenciais, gerenciais e educativas. Baseado nisso, o presente estudo objetivou identificar, na literatura nacional, como os discentes de enfermagem lidam com a morte.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa, descritiva e exploratória.

O método da revisão integrativa foi escolhido pois permite a inclusão de vários estudos com diferentes delineamentos metodológicos, aumentando a profundidade e a abrangência das conclusões deste trabalho. Além disso, quando a revisão é elaborada de forma crítica e ao se manter os padrões de rigor, clareza e reaplicabilidade das pesquisas que sumariza e resume, ela torna-se um poderoso instrumento para as decisões do cotidiano do enfermeiro (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

A pergunta norteadora dessa pesquisa foi “como os estudantes da Enfermagem Brasileira lidam com a morte e o morrer

durante o período da graduação?”. A coleta de dados ocorreu entre os meses de dezembro de 2015 e maio de 2016, empregando-se a técnica da busca manual, com posterior busca do artigo na *internet*, e da busca em bases de dados, sendo utilizado somente os artigos escritos por enfermeiros brasileiros por questão de acessibilidade.

Para a busca em banco de dados, empregou-se os descritores *morte, atitude frente à morte, cuidados de Enfermagem, e estudantes de Enfermagem*, combinados através do operador booleano “*and*”. A busca foi realizada nas seguintes bases de dados: LILACS, MEDLINE, BDEFN, e Index Psicologia.

Quanto aos critérios de inclusão, tivemos: artigos publicados em periódicos brasileiros; ser estudo do tipo pesquisa de campo; texto completo disponível em suporte eletrônico gratuitamente; responder aos objetivos do estudo; ter pelo menos 01 enfermeiro entre os autores; e ter sido publicado nos últimos 10 anos. Uma vez selecionados para fazerem parte do corpus desse estudo, os artigos foram recuperados na íntegra e examinados com o auxílio de um instrumento de coleta de dados fornecido por Souza, Silva e Carvalho (2010).

Uma vez selecionados os artigos para compor o *corpus* dessa revisão, eles foram

submetidos à exaustiva leitura, a fim de avaliar se o artigo possuía elementos que respondessem à pergunta norteadora, e identificar os temas emergentes em cada estudo isoladamente. Depois de lidos e analisados todos os trabalhos, os temas emergentes foram agrupados em temas principais, selecionados devido à frequência de relato do tema, a fim de melhor expor os achados. Para tal empregou-se a técnica de análise do conteúdo de Bardin (2011).

Quanto aos critérios de inclusão, teremos: artigos publicados em periódicos brasileiros; texto completo disponível em suporte eletrônico gratuitamente; responder aos objetivos do estudo; ter pelo menos 01 enfermeiro entre os autores; e ter sido publicado nos últimos 10 anos. Quanto aos critérios de exclusão, teremos: ser material não-publicado; não ser um artigo realizado no Brasil; não responder aos objetivos do trabalho.

RESULTADOS

Após a combinação dos descritores nas bases de dados, obteve-se um total de 5.997 artigos, que ao serem submetidos aos critérios de inclusão e exclusão, reduziram para 17 artigos, que estão resumidos no Quadro 1. No referido quadro, empregou-se a letra “E” - inicial da palavra estudo -, para identificar os

trabalhos selecionados, de modo que pudesse ser utilizado na construção da discussão.

QUADRO 1. Descrição dos artigos selecionados segundo autor/ ano, periódico e desenho do estudo

Estudo	Autor/ano	Período	Título dos trabalhos	Desenho do estudo
E1	Oliveira, Brêtas, Yamaguti; 2007	Rev Esc Enferm USP	A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem	Qualitativo, com base nas Representações Sociais
E2	Carvalho et al; 2006	Rev Enferm UERJ	A morte e o morrer no cotidiano de estudantes de enfermagem	Exploratório, com abordagem qualitativa
E3	Oliveira, Brêtas, Yamaguti; 2006	Rev Esc Enferm USP	Reflexões de estudantes de enfermagem sobre a morte e o morrer	Descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa
E4	Mendonça, Souza Júnior, Correio, Santos; 2013	REFACS	O morrer para graduandos em Enfermagem: a contribuição da Psicologia	Qualitativo de caráter exploratório

E5	Takahashi, Contrin, Beccaria, Goudinho, Pereira; 2008	Arq Ciênc Saúde	Morte: percepção e sentimentos de acadêmicos de enfermagem	Pesquisa descritiva, com abordagem quanti-qualitativa
E6	Vargas; 2010	Act Paul Enferm	Morte e morrer: sentimentos e condutas de enfermagem	Pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa
E7	Sadala, Silva; 2009	Rev Esc Enferm USP	Cuidando de pacientes em fase terminal: a perspectiva de alunos de enfermagem	Descritivo-exploratório, com o método da fenomenologia
E8	Bernieri, Hirdes; 2007	Texto Contexto Enferm	O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciar o processo morte-morrer	Estudo exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa
E9	Cantídio, Vieira, Sena; 2011	Invest Educ Enferm	Significado da morte e de morrer para alunos de enfermagem	Qualitativo

			m	
E10	Oliveira, Amorim; 2008	Rev Gaúcha Enferm	A morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro	Qualitativo
E11	Lima, Nietsche, Teixeira; 2012	Rev Eletr Enf	Reflexos da formação acadêmica na percepção da morte e do morrer por enfermeiros	Descritivo-exploratório, com o método da fenomenologia
E12	Jardim et al; 2010	Rev Baiana Saúde Pública	O cuidar de pacientes terminais: experiência de acadêmicos de enfermagem durante estágio curricular	Qualitativo, com o método da fenomenologia
E13	Fittipaldi, Silva; 2009	Rev Pesqui Cuid Fundam (Online)	Percepções e enfrentamentos do graduando de enfermagem no cuidado ao cliente necessitado	Qualitativo

			de tecnologias duras e em processo de morte e morrer em UTI	
E14	Sales et al; 2013	Rev RENE	O processo de morte-morrer: definições de acadêmicos de enfermagem	Descritivo, com abordagem qualitativa
E15	Benedicti et al; 2013	Rev Gaúcha Enferm	Significado do processo morte/morrer para os acadêmicos ingressantes no curso de enfermagem	Qualitativo, com o método da fenomenologia
E16	Santana et al; 2010	Rev Enferm UFPE online	Percepção de acadêmicos de enfermagem sobre finitude em instituições hospitalares	Qualitativo, com o método da fenomenologia
E17	Leina Júnior; Eltink; 2011	J Health Sci Inst	A visão do graduando de enfermagem perante a morte do paciente	Descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa

Fonte: Dos autores da pesquisa (2016).

DISCUSSÕES

Após leitura exaustiva, emergiram 04 categorias que respondem à pergunta norteadora, sendo elas: “vivenciando a morte e o ato de morrer na prática assistencial”, “a morte e o morrer numa dimensão pessoal”, e “a morte e o morrer em sala de aula”.

Salienta-se que todos os trabalhos enfatizaram a morte e o morrer no contexto hospitalar e educacional, com ênfase no paciente das especialidades médico-cirúrgicas, não pesquisando a morte no contexto da Saúde Coletiva. Esse achado pode ser explicado pelo fato de que a morte é mais presente percebida pelos profissionais de Enfermagem, e conseqüentemente pelos discentes, no ambiente hospitalar (OLIEVIRA; AMORIM, 2008; PINHA; BARBOSA, 2010).

Vivenciando a morte e o ato de morrer na prática assistencial

Os principais fatores relacionados às características da morte são: situação do paciente em seu ciclo vital; envolvimento da família no cuidado; tempo dispensado no cuidado; e a necessidade de realizar o preparo do corpo no pós-morte pelo discente.

Observa-se que a situação do paciente em seu ciclo vital é um determinante no enfrentamento do processo. Os trabalhos E1, E3, E4 e E8 concordam que quanto mais jovem for o paciente, maior será a dificuldade que os profissionais terão para enfrentar o óbito, enquanto quanto mais velho o cliente, mais fácil será a aceitação. Souza et al (2013), em estudo sobre morte digna com enfermeiros assistenciais em uma unidade de pediatria oncológica, concluiu que há forte conflito pessoal do profissional sobre resistir ou aceitar a morte de uma criança como algo natural. Outro estudo (SOUSA et al, 2009), também realizado com enfermeiros, afirma que para os sujeitos da pesquisa, não é destino da criança morrer, isso caberia somente aos mais velhos; ainda afirma, que é na morte pediátrica aonde há um envolvimento maior com a enfermeira, talvez pela própria singularidade da infância ou por se considerar esta perda como uma morte inoportuna.

Quanto ao envolvimento familiar no cuidado e o tempo dispensado ao cuidado, profundamente abordado nos artigos E1, E7, E8, E12 e E16. Os acadêmicos sentem dificuldade em acolher, confortar e até mesmo comunicar, junto com a equipe médica, a morte do paciente à sua família, pois estão diante o conflito de se posicionar entre à dor e ao sofrimento, a necessidade de tranquilizar

os envolvidos e elaborar seu luto (SANTANA et al, 2010).

Quanto ao ritual do preparo do corpo pós-morte, somente E1 faz referência ao preparo. Segundo E1, o cuidado pós-morte é um procedimento pouco presenciado nos estágios supervisionados curriculares, mas ainda sim repleto de estigmas, tabus e medos, sendo o principal impacto a percepção da própria finitude. Medeiros e Bonfada (2012), em seu estudo realizado em UTI com profissionais de enfermagem, indica que o preparo do corpo é considerada a pior tarefa que é desempenhada na rotina pela Enfermagem, independente dos anos de experiência; assim, vê-se que o medo do morte e do morrer não é exclusividade do acadêmico.

A morte e o morrer numa dimensão pessoal

Os fatores relacionados ao discente que dificultam o enfrentamento do processo de morrer e a morte são: o impacto das emoções na prática assistencial; o despreparo teórico e sentimental; e o contexto social em que vivem.

Os principais sentimentos expressos pelos discente, discutidos em todos os trabalhos, são: medo, culpa, impotência, incompetência, tristeza, ansiedade, raiva, alívio e indiferença. Cada sentimento advém

de situações diferente, dependendo, em geral, da forma como a relação profissional-paciente estava organizada e da forma de enfrentamento pelo profissional, salvo quando a morte é assistida diretamente pelo discente.

No tocante ao medo, todo o corpus desse estudo aponta que o medo relaciona-se com a própria morte, que ocorre simbolicamente ao assistir o paciente morto. As nuances do sentimento de medo foram melhor descritas no E1, que determina 06 ramos de representação do medo relacionado à morte e ao morrer (*medo do sofrimento, medo da hospitalização, medo de ficar sozinho, medo de espíritos, medo de morrer cedo e medo de perder a figura parental*). Para E8 e E14, o afastamento seria a defesa psíquica empregada para enfrentar as situações estressantes em que não sabemos como lidar, sendo a morte e o morrer uma delas.

Quanto ao despreparo teórico e sentimental, todos os trabalhos concordam que os discentes de Enfermagem estão despreparados para lidar com a morte. Os artigos E3, E5, E6, E7, E8, E11, E15, E16 e E17 concordam que os discentes de Enfermagem não possuem suporte teórico para lidar com a morte (p.ex., não identificam as fases do processo de morrer) ou com o paciente à beira da morte, também não recebendo o apoio psicológico necessário para

falar sobre o tema, nem quando a morte é vivenciada nos estágios.

Santos e Hormanez (2013), em sua revisão integrativa, afirmam que há diversas deficiências enfrentadas pelos acadêmicos de Enfermagem ao da formação acadêmica no que concerne ao enfrentamento da morte e do morrer, fazendo com que muitos enfermeiros sintam-se despreparados ao lidar com situações que envolvam esse enfrentamento.

Quanto ao contexto social em que vivem, todo o *corpus* concorda que os estigmas, preconceitos e tabus que nossa sociedade expressa em relação ao morrer e a morte também são expressos pelos discentes por pertencerem a mesma sociedade, verbalizando com suas atitudes essa representação social.

A morte e o morrer em sala de aula

Os artigos E4, E8, E9, E10, E11 e E16, afirmam que não há espaço formal para a discussão da morte no ambiente acadêmico, seja por ausência de componentes curriculares que lidem diretamente com a morte, seja por falta de interdisciplinaridade. Para os E1, E5 e E6, essa ausência pode ser entendida como uma de a própria Instituição de Ensino Superior (IES) e os docentes recalcarem a presença da morte durante o período da graduação. No tocante aos docentes, Pinho e Barbosa (2010) indicam a necessidade de capacitação dos docentes para enfrentar o

tema, seja em nível pessoal, seja em nível acadêmico e assistencial.

O E5, em sua pesquisa descritiva utilizando um questionário semi-estruturado, afirma que a morte, o cessar das funções orgânicas, é vista mais vezes nos anos finais do curso de graduação; ainda assim, é vista de maneira negativa no decorrer do curso, sendo a manutenção do corpo vivo o ideal de assistência eficaz e de qualidade. De forma paralela, o mesmo estudo, revela que a morte não é um assunto desconhecido pelos estudantes, pois os resultados da pesquisa mostram que eles adquirem informações através de outras fontes tais como a religião, filmes, livros e apostilas. Quanto a religião, o E15 indica as crenças religiosas servem como valiosos instrumentos para lidar com a experiência da morte, atribuindo significado ao ato de morrer.

Os estudos não indicam qual o melhor momento para o tema seja abordado, todavia E2, E8 e E16 concordam que a temática deve ser abordada em todo o curso, com ênfase nos momentos que precedem os estágios curriculares.

E10, em seu estudo sobre o preparo de discentes da Universidade Federal de Feira de Santana (UEFS) para enfrentar o processo de morrer e a morte, conclui que não se deve colocar toda a responsabilidade do processo

de formação da graduação, pois é necessário que toda a formação familiar e o processo educacional seja repensado para que o ensino da morte seja realmente eficaz, haja vista que muitos discentes já entram na graduação em Enfermagem com mecanismos de defesa contra a morte operantes, em especial a negação da morte e valorização do salvar vidas. Entretanto, os autores entendem que a academia deve assumir o papel de (trans)formador de sujeitos pensantes e reflexivos, bem como prover condições para o estudante vivenciar a prática da assistência diante do processo do morrer.

CONCLUSÕES

O presente estudo buscou analisar como os estudantes da Enfermagem Brasileira lidam com a morte e o morrer durante o período da graduação, utilizando a pergunta norteadora dessa pesquisa foi “como os estudantes da Enfermagem Brasileira lidam com a morte e o morrer durante o período da graduação?”.

Os estudos apontam que o estudante de Enfermagem Brasileira está sendo formado despreparado para lidar com a morte e o morrer devido à carências acadêmicas e pessoais, resultando em profissionais com dificuldades ao lidar com a morte e o morrer. Nesse contexto, cabe ao docente de Enfermagem e as IES, o grande papel de

orientar o estudante, teórica e emocionalmente, para lidar com a morte.

Como contribuições desse estudo, sugere-se que os estudantes de enfermagem capacitem-se, teórica e emocionalmente, sobre a morte e o morrer durante a graduação, antes de entrarem nas práticas assistências nos estágios curriculares, de modo que possam melhor formular suas respostas frente ao paciente à beira da morte, melhorando a qualidade da assistência e da vivência da experiência profissional.

Quanto às IES, indica-se a reformulação das grades curriculares a fim de abrangerem componentes curriculares que abordem a morte e o morrer, em todas as suas nuances. Tratar a morte e o morrer como temas transversais aos componentes do ciclo profissional também pode ser efetivo. Sugere-se, também, a realização de palestras, cursos livres e vivências de modo que o corpo discente tenha acesso ao tema. A nível de planejamento pedagógico, indica-se que a discussão sobre a morte e o morrer também deve estar presente nas semanas pedagógicas dos cursos de graduação em Enfermagem e nas discussões internas do colegiado acadêmico.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENEDITI, G. M. S. et al. Significado do processo morte/morrer para os acadêmicos ingressantes no curso de enfermagem. **Rev Gaúcha Enferm**, Porto Alegre, v. 34, n.1, p. 173-79, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v34n1/22.pdf>>. Acesso em 06 de maio de 2016.

BERNIER, J.; HIRDES, A. O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo morte-morrer. **Texto & contexto enferm**, Florianópolis, v. 16, n. 1, jan./mar., p. 89-96, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n1/a11v16n1>>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

CANTÍDIO, F. S.; VIEIRA, M. A.; SENA, R. R. Significado da morte e de morrer para alunos de enfermagem. **Invest educ enferm**, [S.I.], v. 29, n. 3, p. 407-18. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/iee/v29n3/v29n3a09.pdf>>. Acesso em 06 de janeiro de 2015.

CARVALHO, L. S. et al. A morte e o morrer no cotidiano de estudantes de enfermagem. **Rev Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 551-7, out./dez., 2006. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v14n4/v14n4a10.pdf>>. Acesso em 06 de maio de 2016.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FITTIPALDI, A.; SILVA, C. R. L. Percepções e enfrentamentos do graduando de enfermagem no cuidado ao cliente necessitado de tecnologias duras e em processo de morte e morrer em UTI. **Rev. Pesqui. Cuidad. Fundam. (on line)**, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, mai./ago., 2009. Disponível em:<<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/270>>. Acesso em 05 de maio de 2016.

JARDIM, D. M. B. et al. O cuidar de pacientes terminais: experiência de acadêmicos de enfermagem durante estágio curricular. **Rev Baiana Saúde Pública**, Salvador, v. 34, n.4, p.796-809, out./dez., 2010. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/0100-0233/2010/v34n4/a2171.pdf>>. Acesso em 05 de maio de 2016.

LEINA JUNIOR; ELTINK, C. F. A visão do graduando de enfermagem perante a morte do paciente. **J Health Sci Inst.**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 176-82, 2011. Disponível em: <<http://www.unip.br/comunicacao/publicacoes/>>

ics/edicoes/2011/03_jul-
set/V29_n3_2011_p176-182.pdf >. Acesso
em 03 de maio de 2016.

LIMA, M. G. R.; NIETSCHÉ, E. A.;
TEIXEIRA, J. A. Reflexos da formação
acadêmica na percepção da morte e do morrer
por enfermeiros. **Rev eletrônica enfem**,
Goiânia, v.14, n.1, p. 181-8, jan./mar., 2012.
Disponível em:
<[https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v14/n1/p
df/v14n1a21.pdf](https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v14/n1/pdf/v14n1a21.pdf)>. Acesso em 06 de janeiro
de 2016.

MENDONÇA, G. A et al.. O morrer para
graduandos em Enfermagem: a contribuição
da Psicologia. **REFACS**, Uberaba, v. 1, n. 1,
p. 24-33, 2013. Disponível em: <
[http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/inde
x.php/refacs/article/view/492/pdf](http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/492/pdf)>. Acesso em
15 de dezembro de 2015.

OLIVEIRA, E. A.; SANTOS, M. A.;
MASTROPIETRO, A. P. Apoio psicológico
na terminalidade: ensinamentos para a vida.
Psicologia em estudo, Maringá, v. 15, n. 2, p.
235 -44, abr./ jun., 2010. Disponível em: <
[http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n2/a02v15n2.
pdf](http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n2/a02v15n2.pdf)>. Acesso em 20 de novembro de 2015.

OLIVEIRA, J. R.; BRÊTAS, J. R. S.;
YAMAGUTI, L. Reflexões de estudantes de
enfermagem sobre a morte e o morrer. **Rev
Esc Enferm USP**, São Paulo, v. 40, n. 4, p.

477-83, 2006. Disponível em: <
[http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v40n4/v40n4
a04.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v40n4/v40n4a04.pdf)>. Acesso em 15 de dezembro de
2015.

OLIVEIRA, J. R.; BRÊTAS, J. R. S.;
YAMAGUTI, L. A morte e o morrer segundo
representações de estudantes de enfermagem.
Rev Esc Enferm USP, São Paulo, v.4, n.3, p.
386-94, 2007. Disponível em:
<[http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n3/07.pd
f](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n3/07.pdf)>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

OLIVEIRA, W. I. A.; AMORIM, R. C. A
morte e o morrer no processo de formação do
enfermeiro. **Rev Gaúcha Enferm**, Porto
Alegre, v. 29, n. 2, p. 191-8, 2008. Disponível
em: <
[http://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnf
ermagem/article/viewFile/5580/3191](http://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/viewFile/5580/3191)>.
Acesso em 15 de junho de 2015.

PINHO, L. M. O.; BARBOSA, M. A. A
relação docente-acadêmico no enfrentamento
do morrer. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo,
v. 44, n. 1, p. 107-12, 2010. Disponível em: <
[http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/a15v4
4n1.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/a15v44n1.pdf)>. Acesso em 15 de dezembro de
2015.

SADALA, M. L. A.; SILVA, F. M. Cuidando
de pacientes em fase terminal: a perspectiva
de alunos de enfermagem. **Rev Esc Enferm
USP**, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 287-94, 2009.
Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n2/a05v4>

3n2.pdf >. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

SALES, C. A. et al. O processo de morte-morrer: definições de acadêmicos de enfermagem. *Rev RENE*, Fortaleza, v. 14, n. 3, p. 512-30, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/11623/1/2013_art_casales.pdf>. Acesso em 06 de maio de 2016.

SANTANA, J. C. B. et al. Percepção de acadêmicos de enfermagem sobre finitude em instituições hospitalares. *Rev Enferm UFPE on line*, Recife, v. 4, n.1, jan./mar., p. 165-72, 2010. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/685/pdf_307>. Acesso em 04 de maio de 2016.

SANTOS, M. A.; HORMANEZ, M. Atitudes frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisão integrativa da produção científica da última década. *Ciênc saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p. 2757-68, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n9/v18n9a31.pdf>>. Acesso em 10 de novembro de 2015.

SOUSA, D. M. et al. A vivência da enfermeira no processo de morte e morrer dos pacientes oncológicos. *Texto Contexto Enferm.*, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 41-7, jan./mar., 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n1/v18n1a05>>. Acesso em 25 de abril de 2016.

SOUZA, L. F. et al. Morte digna da criança: percepção de enfermeiros de uma unidade de oncologia. *Rev Esc Enferm USP*, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 30-7, 2013. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v47n1/a04v47n1.pdf>>. Acesso em 20 de abril de 2015.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-6, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2015.

TAKAHASHI, C. B. et al. Morte: percepção e sentimentos de acadêmicos de enfermagem. *Arq Ciênc Saúde*, São José do Rio Preto, v. 15, n.3, jul./set., p. 132-8, 2008. Disponível em: <http://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/vol-15-3/IDN295.pdf>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

VARGAS, D. Morte e morrer: sentimentos e condutas de enfermagem. *Acta paul enferm*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 404-10, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n3/v23n3a15.pdf>>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.